

"EM MOÇAMBIQUE NENHUM TRABALHADOR 5/11/79 ESTÁ AUTORIZADO A TER MEDO" — Ministro Marcelino dos Santos na empresa FAMOL

Numa reunião realizada recentemente na FAMOL, orientada pelo membro do Comité Político Permanente do CC do Partido FRELIMO e Ministro do Plano, Marcelino dos Santos, foram apurados os factos que levaram elementos das estruturas da empresa a suspender um trabalhador e propor a sua reeducação. Analisando a questão o Ministro afirmou:

Os problemas que nós ouvimos aqui são muito importantes porque como eu disse não foi por acaso que há dias viemos visitar a empresa, mas é porque esta empresa tem uma tarefa que é muito importante. Aqui se faz a montagem de camiões Volvo e carrinhas Isuzu. E os transportes têm um lugar muito importante na nossa vida, hoje. Por isso viemos cá e nos preocupamos com os problemas que constatamos na empresa.

Mais adiante o membro do Comité Político Permanente do CC do Partido FRELIMO sublinhou:

Vimos aqui responsáveis que deveriam ter um comportamento exemplar e não são capazes, quando um trabalhador lhes expõe problemas, os quais não colocou num cantinho, mas em frente de todos, na presença deles próprios. Esses responsáveis quando o Ministro sai ficam a punir o trabalhador. O que é que vocês querem provar tomando esta atitude?

Depois de referir que a RPM é resultado de 10 anos de luta armada, de muitos sacrifícios e mortes, o Ministro esclareceu:

O que vocês quiseram foi intimidar, fazer chantagem, abusaram do poder. Disseram: — você anda a queixar ao Ministro, agora vamos punir-te.

Utilizam o poder para encobrir os vossos erros, os vossos males, para amedrontar aqueles que têm a coragem de falar, como aqui foi concluído pela Comissão e pelos trabalhadores.

Vocês ameaçam que é para as pessoas se calarem. Porque têm o poder incharam, incharam, agora pensam que podem fazer tudo. Mas as pessoas falam. Então ameaçam. Quando as pessoas falam então já querem mandar para a reeducação, querem mandar prender. E fazem tudo isso em nome do Partido FRELIMO, em nome dos Conselhos de Produção, em nome do Governo da República Popular de Moçambique.

Vimos aqui corrupção moral, material, roubos, utilização de bens da empresa e conforme vocês próprios disseram, estão divididos. Vimos aumento ilegal de salários.

No decorrer da sua intervenção Marcelino dos Santos lê a carta enviada à Direcção Nacional de Indústria Metalúrgica e Metalomecânica, na qual se diz:

Vimos pela presente informar que em virtude de não termos qualquer resposta à nossa carta referida, tomámos a liberdade de proceder ao rea-

justamento proposto a partir do mês de Setembro. Queira, por favor, dar conhecimento do assunto ao Departamento competente do Ministério do Trabalho, como aliás foi também solicitado na nossa carta de 2 de Maio. Se existir alguma objecção queiram por favor comunicar o mais urgentemente possível de modo a, o mais urgente, cancelarmos o processo.

Estão a ouvir? — sublinhou o Ministro — a carta das estruturas da empresa salienta: tomámos a liberdade de proceder ao reajustamento proposto a partir do presente mês de Setembro. E façam o favor de comunicar ao Ministério do Trabalho.

Portanto vocês são capazes de servir-se do Ministro para falar aqui. Servir-se do Ministro para oprimir os trabalhadores mas, na essência, a única coisa que fizeram é abusar do poder para encobrir os vossos erros, as vossas faltas, os vossos crimes.

TRABALHADORES NÃO DEVEM TER MEDO

Criticando a atitude passiva de certos trabalhadores face ao processo que se viveu na empresa, Marcelino dos Santos adiantou:

Muitos trabalhadores aqui disseram: nós temos medo. Nós não podemos ter medo, companheiros. Fizemos 10 anos de luta armada para perder o medo.

Pode ser que a situação seja difícil e dura, mas não é por isso que devemos ter medo de dizer o que se passa. Nenhum trabalhador na República Popular de Moçambique está autorizado a ter medo. Compreendem o que isto quer dizer? Vocês não podem dizer que as dificuldades que estão a viver são maiores do que as da luta armada, das bombas a cair sobre os soldados da FRELIMO, sobre o Povo.

O Ministro sublinhou que, na realidade têm sucedido alguns erros e a situação que se viveu na fábrica é um exemplo disso, mas que quando os erros são detectados, são imediatamente corrigidos, que nenhum erro permanece eternamente no nosso País. E prosseguiu:

Vocês não podem ter medo. Vivemos 10 anos de luta armada. Não sabíamos que as bombas nos iam cair em cima? Isto é um combate companheiros, é luta de classes. Nós temos ainda inimigos no nosso seio e os inimigos são esses malandros

que existem. Damos a responsabilidade e depois julgam que são os mandões. Já não respeitam a democracia, não respeitam o Partido FRELIMO, não respeitam o nosso Governo, não respeitam o nosso Povo. Nós temos que corrigir, temos que corrigir utilizando as medidas correctas. Mas

nenhum de nós tem o direito de ter medo. Deixar de cumprir o seu dever porque tem medo de ser punido, de ser expulso, ou de que lhe cortem o vencimento. Afinal como é que se faz a luta de classes?

Isto significa luta, significa san-
(Continua na página seguinte)